

**PÁTRIA, DISCIPLINA E TRABALHO: HISTÓRIAS INFANTIS NO JORNAL
ESCOLAR: A BORBOLETA NA DÉCADA DE 1940**

Angélica Macedo, Cristiani Bereta da Silva

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as reproduções de histórias infantis do jornal escolar *A Borboleta*, localizada em Indaial no Estado de Santa Catarina. Circulados na década de 1940, esses jornais são encontrados no acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). Nesse sentido, jornais escolares produzidos nesse contexto histórico possuíam uma característica central: a nacionalização de crianças. Seus exemplares apresentam diversas seções em que ensinam crianças “a serem brasileiras” (Silva; Rossato, p.145, 2025) principalmente em áreas colonizadas por italianos e alemães. Nas seções em que os estudantes transcreviam as histórias para o papel almaço podemos observar um tipo de narrativa: patriotismo, disciplina, obediência, honestidade e foco no trabalho. Essas narrativas com lições morais possuíam um caráter prescritivo, evidenciando quais valores eram apropriadas para essa época.

DESENVOLVIMENTO

Durante a pesquisa foi lido diversos jornais escolares de diferentes regiões de Santa Catarina para serem expostos ao portal que está sendo desenvolvido para o público. Para isso foram feitas fichas técnicas que consiste na catalogação das informações que o exemplar apresentava e de perguntas norteadoras: quais eram as principais seções que o exemplar possuía? Havia algum tema que mais se destacava dos outros? O jornal escolar escolhido por mim foi *A Borboleta*, de uma escola primária chamada Escola de Lauro Müller de Polaquia, localizada em Indaial.

Essa pesquisa parte de uma inquietação durante meu trabalho de catalogação de fichas técnicas, pois eu percebi uma padronização no meu modo de ler: privilegiava certos temas em detrimento de outros. As seções que eu mais negligenciava eram as reproduções de histórias infantis. Assim, conheci o autor Carlo Ginzburg (1998) em seu capítulo sobre “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” em que conta que “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis” (Ginzburg, p.144, 1998). Nisso, me dei conta que os meus pormenores eram as histórias infantis nos jornais escolares em que lia apressadamente, sem problematizá-las. Ou seja, era um indício imperceptível no início das minhas catalogações. Pois, conforme analisando as seções, dava para perceber que era uma narrativa recorrente que as histórias apresentavam. *A Borboleta* que está sendo alvo de análise representou uma particularidade diferente de outros lidos por mim, digamos que foi um ponto de virada na minha percepção. Portanto, essa pesquisa têm a finalidade de fazer uma exposição dessas reproduções que circulavam na década de 1940 na localidade de Polaquia. *A Borboleta* também me impulsionou a ir atrás de temas parecidos em outros jornais já que, segundo as minhas interpretações, as histórias que escolhi atingiam uma classe social específica de crianças, diferente de outros jornais de escolas particulares e com melhores condições. Portanto, as análises são exclusivamente do contexto de produção desse jornal especificamente.

Para a problematização dessas reproduções estão sendo utilizadas outras referências bibliográficas que foram centrais para a análise. Junto com isso, foi feito uma análise qualitativa em um quadro, com os títulos e suas aparições no jornal. Porém especificamente, para análise

foram utilizadas 4 histórias: “Quanto Vale uma Oficina” (1943), “O Carneiro” (1948), “O Preguiçoso” (1949) e “Ordem e Economia” (1945). Além disso, também foi realizada uma comparação com outro jornal escolar da capital do Estado *Pétalas* com um contexto social totalmente diferente da área rural de Polaquia. Assim, essa metodologia possibilita analisarmos quais conteúdos eram centralizados nas histórias e consequentemente o contexto social daquela comunidade.

RESULTADOS

Começar explicando pela escola e seus estudantes é algo imprescindível para essa pesquisa, pois é a escola, bem como sua região que vão determinar as especificidades de cada jornal e das seções de histórias infantis.

Foi “A Borboleta” o nome que recebeu o jornalzinho fundado na nossa escola. Entre outros nomes escritos no quadro negro foi “A Borboleta” que teve o maior número de votos. O nosso jornalzinho não pode mais ser esquecido, pois nos lembramos diariamente ao ver as lindas borboletas nos jardins. Apesar de ser muito simples, esperamos que nossos leitores o recebam com prazer. (Büchner, n.1, 1943)

A aluna Hessy Büchner abre a seção do primeiro exemplar de *A Borboleta*. Nesse pequeno registro podemos observar a escolha do seu nome e expectativas em torno do jornal. Observa-se também o aviso de simplicidade que a estudante decidiu colocar. A materialidade do jornal é feita de 4 folhas de papel almaço, manuscrito e de caneta azul e preta. Apesar do aviso de simplicidade, o jornal possui diversos desenhos coloridos caprichados como demonstra a capa da **figura 1**. Porém, comparado com outros jornais de escolas com melhores condições sociais, como um Grupo Escolar ou uma Escola Normal, seus recursos materiais são reduzidos. Isso de maneira alguma compromete seu conteúdo. *A Borboleta* é fértil em relatos de uma área rural e por isso foi escolhida para essa pesquisa.

O contexto histórico que os estudantes de *A Borboleta* estão inseridos é na cidade de Indaial, especificamente na localidade chamada Polaquia, que hoje em dia é um bairro, seu nome não foi mudado. A produção começou em 1943 e foi até 1951, totalizando em 63 exemplares encontrados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Mas como era? Em seus próprios exemplares os estudantes contam como ela é. Provavelmente seus habitantes possam ser majoritariamente poloneses, visto que os estudantes no exemplar n.41 de 1950 relatam que a comunidade era uma área de colonos agricultores que ficava a 6 quilômetros de distância da cidade, sem comércio e igreja: “a população é mais ou menos de 300 habitantes” (*A Borboleta*, 1950, n.41). Esse registro de 1951 podemos entender a sua estrutura econômica e social. Além disso, outro registro interessante para compreendermos a realidade dos estudantes é que realizavam festas escolares para arrecadar para a estrutura do prédio – que era de madeira – “Realizou uma festa na nossa escola. Tinha muita gente, bebidas, churrasco e doce. A festa rendeu [...]”¹ Com esse dinheiro queremos comprar carteiras” (*A Borboleta*, n.23 1948). Nos primeiros anos do jornal também é registrado um relato da descrição da sala de aula sem carteiras. Então por 5 anos os alunos assistiram as aulas sem carteiras. Isso se realmente compraram as carteiras, pois só temos o registro do aviso e não da confirmação. Em outros exemplares mencionam que essa arrecadação das festas também funcionava para a manutenção de associações escolares: Pelotão da Saúde, Liga Pró-Língua e Clube Agrícola.

Com esses registros, observa-se como um jornal escolar do primário e de uma área rural carrega informações valiosas para entender a sociedade como um todo: quais eram seus conteúdos principais? O que não comentavam? Podemos entender que “esses jornais deixam

¹ Os colchetes significam que está ilegível.

de ser apenas suportes de práticas escolares e passam a ser compreendidos como artefatos históricos dotados de valor patrimonial" (Silva, 2026 p.21). São vestígios do passado e estudo principal para entendermos como funcionava determinada época e suas especificidades a partir da visão de crianças, como *A Borboleta*, um periódico produzido durante a Era Vargas – e um pouco do Estado Novo – habitada por indivíduos de nacionalidade estrangeira, numa área rural e colonial. Silva e Giassi compreendem esses jornais como “memórias arquivadas” pois “sobrevivem ao tempo, converteram-se em testemunhos de experiências variados dos sujeitos das escolas do passado” (Silva; Giassi, p.23, 2025).

Mas como está a escola hoje em dia? Ela ainda existe? Seus exemplares possuem registros dos estudantes que escreveram as seções e da assinatura de professores que corrigem elas. Por causa disso, foi possível encontrar o nome da professora Gertrud Maria Roczanski. Com um simples pesquisar do *Google*, seu nome aparece como uma homenagem a uma quadra comunitária da Unidade Infantil de Polaquia. Quanto a Escola de Lauro Müller, foi desativada e substituída por esse novo estabelecimento.

Esse tópico está encarregado de apresentar as histórias infantis e de onde surgiram. Para isso, foi realizada um quadro de histórias mais mencionadas durante a circulação de exemplares de 1943 até 1951 como apresentada no **quadro 1** Em títulos como *O leão e o Rato*, *O Burro Encarregado de Sal*, *O Ladrão de Porco*, *O Cão Fiel*, *A Rã e o Rato* e *o Pastorzinho Mentiroso* pertencem as fábulas do grego Esopo e do francês Jean de La Fontaine. Sua autoria não é informada nos exemplares, foi possível encontrar títulos parecidos com a autora citada abaixo sobre esses dois fabulistas. Assim, elas apresentam narrativas de animais, mas não é exclusivo a isso. Sua característica consiste em narrar algum acontecimento e logo após oferecer uma lição de moral sobre essa vivência (Jinzenji, 2008). A lição moral funciona como um ensinamento que a criança deve levar com base naquilo que foi narrado:

O Sapateiro e o Rei

Perto do palácio de um rei morava um pobre sapateiro. Ele trabalhava e cantava o dia inteiro. Certo dia o rei perguntou: - És rico? O sapateiro respondeu: - Só tenho alguns vinténs para comprar a ceia. O rei presenteou o sapateiro com uma carteira cheia de dinheiro dizendo: “Toma este dinheiro para ter um motivo de estar alegre”. O sapateiro agradeceu ao rei e tratou logo de botar o dinheiro num lugar seguro. Levou-o a adega, onde também arrumou a cama, pois tinha medo de que alguém lhe roubasse o ouro. No outro dia queria depositar o dinheiro no Banco, mas tinha medo de sair da cabana, porque podia ser atacado na rua por ladrões. Assim passou os dias e as noites na adega. Quase não comia nem dormia. O rei ficou admirado por não ouvir mais o sapateiro cantar nem bater solar. Mandou chamá-lo e viu que estava transformado em esqueleto. O rei perguntou pelo motivo dessa mudança. O sapateiro disse: O rei peço [...] novamente o dinheiro. Eu prefiro trabalhar para ganhar meus cobres em vez de estar inquieto por causa desta soma de dinheiro. A riqueza não dá felicidade. (GUTZ, n.28 out. 1948)

É importante destacar que a reprodução confere a linguagem infantil. Ao todo, o Sapateiro e o Rei aparecem 2 vezes no jornal e com uma linguagem diferenciada por algum aluno diferente. Essa é uma característica que vai ser seguida em *A Borboleta*. A autora Mônica Yumi Jinzenji em *A reescrita das fábulas pelos liberais moderados no século XIX* (2008), argumenta que as fábulas passam por uma adaptação para atingir um determinado objetivo. Fábulas são diversas vezes modificadas para atender “os morais supostos e/ou que se buscava construir” (Jinzenji, p.10, 2008). Se aplicarmos essa lógica no contexto histórico de Santa Catarina, no Estado Novo (1937-1945) na época em que *A Borboleta* estava sendo circulada, chega-se na conclusão de que o próprio jornal – uma associação escolar – passou a ter a “missão

de produzir sujeitos letrados e politicamente integrados a processos de formação cívico-patriótica"(Silva, p.14, 2026). Uma das razões por ter escolhido as histórias infantis nesse jornal é que podemos entender quais valores eram apropriados para a época e como estava sendo construída uma escola moderna, visto que esse período houve um aumento de alfabetização nos indivíduos. O Brasil na década de 1930 passa por transformações, uma delas é a urbanização e a capacitação de mão de obra. O periódico de Polaquia traz essa evidência com a história chamada "Quanto Vale um Ofício" que ensina a importância de desenvolver habilidades laboriosas:

Era uma vez, um ferreiro chamado Pedro que diariamente estava trabalhando na sua oficina. Ele estava batendo com o martelo no ferro; e saíram faísca de fogo, que parecia ser uma grande chuva. Um menino, de um homem muito rico, vizinho, ia cada dia ver como o homem trabalhava na ferraria. Ele não precisava trabalhar, pois, tinha um pai muito rico. Um dia, o ferreiro disse ao rapaz: Venha comigo trabalhar na ferraria, porque mais tarde talvez será útil. O saber não ocupa lugar. O menino foi trabalhar, aprendeu dali a pouco na ferraria de Pedro. Dali a poucos anos seu rico pai morreu. Então o rapaz já era grande e trabalhava ele foi a ser o chefe duma ferraria e podia sustentar a sua mãe que era viúva e seus irmãozinhos menores. Eles ainda guardam dinheiro. Ficou depois um rapaz muito rico. (Kannerberg, n.2, set. 1943)

Em *Arquivar memórias, legar histórias: o acervo de jornais escolares no arquivo público do Estado de Santa Catarina* (2026) discute que pelo menos um exemplar a mais tinha que ser produzido para ser composto para o Departamento de Educação. Isso acontece para fiscalizar os conteúdos dos jornais escolares, já que estava sendo construído um "espírito brasileiro" (Silva, 2014). Seu conteúdo, além das histórias, era marcado por homenagens patrióticas de brasileiros e eventos marcantes do Brasil. Polaquia era uma área colonial com uma população de colonos, então as políticas de nacionalização eram mais fortes para essa população estrangeira. Se por um lado o Departamento da Educação fiscalizava os jornais escolares e seus conteúdos, um registro para verificarmos essa vigilância é no registro da visita do inspetor escolar, que mesmo após o fim da ditadura do Estado Novo, há registros de visita em 1949:

Descrição: A visita do sr Inspetor No dia 17 de junho o sr. Inspetor esteve nessa escola. Ele veio de carro. Ele fez perguntas de história, geografia etc. Os alunos foram ao quadro para fazer exercícios. Todos deveriam ler e escrever. Dois meninos fizeram saudação à bandeira. O sr. Inspetor ficou até meio dia na escola. (Alvim Gutz, n.33. jul, 1949)

Outro registro material para verificarmos a fiscalização estatal sob os conteúdos escolares são os carimbos nos exemplares que está presente na **Figura 1**, em que aparece em cima do título do jornal "Inspetor escolar Indaial". Decidi trazer esses diferentes tipos de fontes para compreendemos do porquê a fiscalização dos conteúdos de sala de aula. Percebemos que na descrição da visita do inspetor escolar, é resolvido ensinar e perguntar os conteúdos de geografia e história, principalmente a disciplina de história pois ela "parte da elite brasileira desde o século XIX, como um instrumento de legitimação de poder" (Medeiros, p.844, 2020). Isso explica a implicância de aparecimentos de heróis nacionais e acontecimentos marcantes nos jornais escolares. Ou seja, esse período varguista é marcado por essa característica patriótica nas escolas catarinenses pautada em acontecimentos considerados indispensáveis para a história brasileira, que servia para dar um pertencimento à sua nacionalidade pautado em heróis nacionais: bandeirantes, soldados e guerras triunfantes. Não à toa que: "os documentos oficiais encontrados em Santa Catarina mostram o aumento exponencial de títulos de jornais no

decorrer do Estado Novo” (Silva, 2026, p.17) que funcionava para um desses estímulos do sentimento brasileiro e catarinense. Em *A Guerra Chega à Escola: narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial nos jornais escolares catarinenses (década de 1940)*, escrito por Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato (2025), discutem como era retratada a Segunda Guerra Mundial em diversos jornais escolares. As duas autoras afirmam que a maior concentração de jornais nessa década era no Vale do Itajaí, na qual a localidade de Polaquia está inserida. É discutido que os jornais eram um recurso em que deviam ensinar como deviam ser brasileiras. Aqueles que eram de nacionalidade alemã, italiana e japonesa eram “inimigos internos, os traidores da Pátria, a serviço do eixo” (Silva; Rossato, p.150, 2025)

Essa lógica de ensinar a serem brasileiras também aparece nas histórias infantis, pois ela está intimamente ligada com a escrita que as crianças realizavam. Outra associação escolar essencial para a nacionalização das escolas era a Liga Pró-Língua que atuava por meio da difusão da língua portuguesa: os alunos eram obrigados a escrever em português. Novamente, as histórias estão interligadas, pois temos um combo: aprendizado da língua e de novos hábitos que eram perpassadas nelas. Os ensinamentos morais consistem em como deviam se comportar, o que repudiar, obedecer, serem disciplinados e patrióticos. Por isso devemos analisar elas, parte de perguntas como “Quais principais temas discutidos nas histórias?”, “Com que frequência apareciam?”, “Para que público de crianças essas histórias eram destinadas?” e “Quem eram os personagens principais?”. A Escola de Lauro Müller (*A Borboleta*) durante todas as produzia fichas técnicas de jornais que coloquei a mão, foi a campeã em quantidade de historinhas. Mas é preciso salientar que eram reproduções, ou seja, várias histórias que estou citando aqui não são exclusivas desses jornais, isso significa que o nível de circulação dessas histórias atingira um número significativo de crianças.

Reprodução: O Carneiro

Uma senhora muito rica, morava numa casa de campo, não muito distante da cidade, era uma chácara. Um domingo aprontou-se para ir à missa e ao sair disse a empregada: cuidado com a casa, se tiver de ausentar-se deixe as portas fechadas. A empregada prometeu assim fazer. Mal estava à toa, tinha desaparecido, foi ela ao quintal para conversar com a empregada da vizinha e a porta da sala ficou aberta. Momento depois viu um grande carneiro e examinou tudo. Entrou no quarto da dona, onde ele viu um grande espelho na porta do guarda-roupa. Assim viu um grande carneiro, seu inimigo no espelho. Afastou-se e deu-lhe uma marrada forte duas vezes. O espelho caiu em mil pedaços. Quando a dona voltou, ela despachou a empregada e contou o sucedido para muita gente da vizinhança, para que ninguém a queresse em seu serviço. (Kühn, n.29 nov de 1948).

Nessa narrativa, é evidenciada qual era o comportamento esperado de uma nação única e o que não era desejado – isso é mostrado com a punição no final, que é uma lição moral típica de fábulas - É narrado o trabalho de uma empregada, a história demonstra que ela é vista como desonesta, já que mentiu cuidar da casa, além de não se comprometer com o seu trabalho, portanto, não é uma pessoa disciplinada, pois “mal estava à toa e já foi conversar”. Nesse contexto do período brasileiro o que estava querendo construir por meio da educação era uma identidade catarinense, um “espírito brasileiro”(Silva, 2014). Mesmo o Estado Novo potencializando essa característica, vemos que mesmo após esse contexto histórico, as histórias ainda eram circuladas. Nos exemplares de *A Borboleta* percebe-se nomes e sobrenomes estrangeiros de diferentes alunos. É compreensível que por exemplo, o jornal tenha um número muito mais significativo de histórias. Uma das construções do espírito brasileiro era com essas

histórias prescritivas de condutas desejáveis para formar uma nação. Desse modo, a reprodução escrita pelo aluno Gerhard Kühn do 3º ano do primário, perpassa uma ideia de como deve se comportar em um ambiente de trabalho e quais as consequências de um mal serviço.

Além disso, uma característica importante é que jornais escolares possuem suas especificidades de acordo com cada localidade em que a escola está inserida. Portanto, as histórias tendem a mudar também, atendendo melhor as características da região, por isso temos o foco na questão do trabalho na localidade de Polaquia, junto com a descrição dos alunos sobre a sala de aula, pode-se observar que é uma região mais vulnerável. Nessa lógica, em outra reprodução, dessa vez chamada de “O preguiçoso” produzido pela aluna Virgília Nascimento do 2º ano traz uma narrativa parecida em que traz o trabalho e a disciplina para o centro da narrativa. Ela dá o exemplo das abelhas, que são as mais exemplares pelo seu trabalho com o mel e a cera.

Reprodução: O Preguiçoso

Frederico era um menino, mas um tanto preguiçoso. Um dia não foi a aula para ficar em casa brincando. Brincando aborreceu. Então foi a vizinhança para um dos colegas fosse brincar. Mas todos os colegas tinham aula, nenhum estava em casa. Foi pedir para as formiguinhas brincarem com ele, mas as formiguinhas falaram que não tinham tempo e que tinham que trabalhar. Frederico foi pedir então as abelhinhas, elas responderam: não temos tempo, temos que fazer mel e cera. Frederico então chamou o passarinho e pediu que brincasse com ele, o passarinho respondeu que não podia, porque tinha que construir o seu ninho. Frederico ficou então muito envergonhado porque todos trabalhavam e ele não. (Nascimento, n.3 jul, 1949)

Diferente da reprodução O Carneiro, em que a empregada não é mais aceita em outros serviços, em O Preguiçoso temos o rapaz chamado Frederico que é punido psicologicamente: a vergonha é internalizada como um mecanismo de disciplinamento. Essa reprodução possui características de uma fábula, trazendo animais para a narrativa: formigas, abelhas e pássaros. Seu final é composto por uma advertência sobre ser preguiçoso. Uma das construções do espírito brasileiro era do indivíduo ser disciplinado e servir a sua pátria. Na escola por exemplo, era estudar sobre a vultos brasileiros e seus grandes feitos, além de realizar homenagens cívicas da Liga Pró-Língua. O título dessa fábula também leva a questionar sobre quais comportamentos eram esperados nas crianças e quais condutas deveriam ser envergonhadas. Com os títulos mostrados aqui até agora, o objetivo era “produzir sujeitos ordeiros, produtivos e patrióticos” (Silva, 2024). Outra reprodução em que aborda sobre a ordem é a “Ordem e Economia”, esse é um texto com várias partes ilegíveis, mas ainda assim consegue entender sua ideia central:

Um rapazinho muito pobre dirigiu-se certo dia a uma casa de Paris a pedir serviço. O banqueiro disse-lhe que não havia vaga. O menino ia-se retirando muito aflito porque [...]7 de repente viu brilhar no soalho um alfinete, curvou-se e pregou na gola do paletó. O banqueiro viu isto e avisou que este menino tinha ordem e era econômico. Este pode ser empregado de banco. O banqueiro chamou e deu-o logo [...] simples. Em pouco tempo o rapaz chegou a ser chefe. O exemplo deste moço é digno de ser imitado por todos [...] se encontra pessoas no mundo que não tem ordem. (Eulandia Geisler, n.3,1945)

Outras reproduções vão na mesma direção parecida: como não mentir, ser obediente, ser bondoso, não roubar e não mentir. Aparece em títulos como “O Pastorzinho Mentiroso” e “A Menina Bondosa”, “O Ladrão de Porco”. Segundo o **Quadro 1**, a predominância de temas

aponta para narrativas de honestidade. Além disso, esses três títulos mencionados já apareceram em diferentes jornais escolares além desse que está sendo citado nessa pesquisa. Isso entra para a pergunta de “Para que público de crianças eram destinadas?” A resposta curta é: para todas. A diferença está na abordagem do ensinamento. Por exemplo, o tema de obediência é passado em inúmeros jornais escolares além de *A Borboleta*. A diferença consiste no modo como é abordado em diferentes colégios. Outro jornal marcante durante a produção das minhas catalogações foi *Pétalas Suplemento Infantil*, uma escola feminina privada da capital do Estado que pertence à uma classe social completamente diferente da área rural de Polaquia. Nele, é possível enxergar sim histórias com temas morais: dedicação, estudo, leitura e obediência. É pertinente debater a diferença de conteúdos de jornais de áreas diferentes como uma da capital de Santa Catarina para uma área rural e colonial em Indaial. Para sustentar minha argumentação, decidi trazer as autoras Boutin e Silva (2015) que discutem que existe uma diferenciação da educação que era uma “preparação da classe trabalhadora para o mercado de trabalho e da elite para o ensino superior” (Boutin, Silva, p.4494, 2015). Esse argumento fica evidente com as reproduções que os estudantes nos jornais escolares registraram: a ênfase em comportamento em torno do trabalho. Enquanto na escola privada de Florianópolis, o tema principal era a dedicação nos estudos, na leitura e na obediência, mas sem trazer histórias em que abordam sobre o trabalho dessa forma. As duas autoras argumentam que essa diferenciação na educação consistia para modernizar o país e aumentar as desigualdades. As histórias infantis nos jornais escolares nos possibilitam observar essa diferença nas duas educações e consequentemente nas histórias, pois no caso de *A Borboleta* visava “atrair os trabalhadores para o mercado de trabalho e dessa forma contribuir para a expansão do capitalismo” (Boutin, Silva p.4487, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa análise, procurei seguir o capítulo de Carlo Ginzburg de examinar os pormenores. As histórias infantis como “O Carneiro” de início, pouco revelam sobre seu caráter disciplinador, mas com um olhar mais atento percebemos que são peças centrais de um projeto mais amplo: instrumentos de nacionalização e modernização do país, já que as narrativas se concentram muitas vezes no trabalho. Portanto, retomo as perguntas que orientaram essa investigação: quais principais temas discutidos nas histórias? com que frequência apareciam? para que público de crianças eram destinadas?

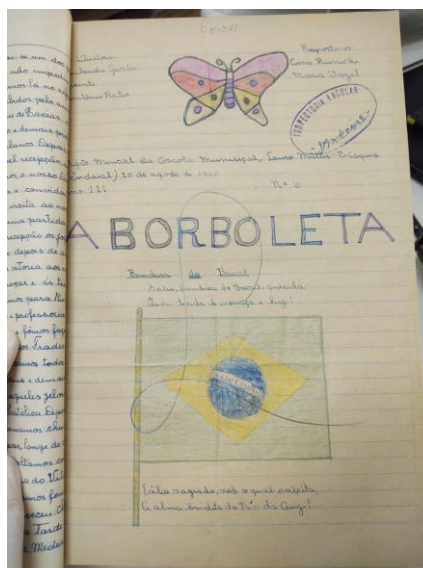
A análise demonstrou que o tema central das narrativas era modelar um comportamento desejável nas crianças, com temas que estavam intrinsecamente ligados com a construção de uma identidade brasileira unificada, as histórias veiculavam patriotismo e amor à pátria, alinhando-se ao projeto de formação do Estado-Nação. Portanto, a educação era o principal alvo dessas ideias que estavam querendo construir no país. Embora diversas seções dos jornais potencializassem esses ensinamentos, as reproduções morais variavam conforme a região. Em comparação, trouxe o jornal *Pétalas Infantil*, uma escola privada da capital catarinense. As lições dessa escola eram centradas no estudo, disciplina e dedicação, enquanto em *A Borboleta* que era em uma zona rural e colonial, além de possuir temas de estudo, também alternava em como se comportar em um trabalho. Essa diferença também pode ser refletida na frequência que esses temas apareciam: *Pétalas* possui um número muito menor em comparação com *A Borboleta*, que desde o início de sua produção, em 1943, superou o número de reproduções diferentes de outros lidos por mim, todos os exemplares possuem lições morais em torno desses temas. Ou seja, a principal característica desse jornal em específico foi a ênfase em ensinamentos morais, provavelmente porque a localidade, habitada por colonos, era considerada uma ameaça à unidade nacional em vigor, especialmente no contexto dos pós Segunda Guerra Mundial.

Assim, percebe-se que *A Borboleta* produzido em Indaial representa um caso diferente, já que a característica principal de seus exemplares são lições morais, mas não significa que é somente ele. Outros periódicos de zonas coloniais e rurais podem apresentar algo parecido, visto que muitas foram atingidas por políticas educacionais com o objetivo de expandir o patriotismo pelo Brasil nas áreas mais afastadas e gerar mais mão de obra para a modernização do país. Então, os indícios analisados nas histórias infantis, quando examinado em seus pormenores, revelam um projeto de nação que queria construir brasileiros trabalhadores, patriotas e indivíduos disciplinados.

Palavras-chave: jornais escolares; escola rural e colonial, histórias infantis, disciplina, trabalho, formação moral.

ANEXOS

Figura 1: Capa do jornal



A Borboleta, n.6, 1945

Quadro 1: Títulos de histórias/fábulas mais mencionados em *A Borboleta*:

TÍTULOS COM MAIS FREQUÊNCIA	EXEMPLAR LOCALIZADO	TOTAL
O Leão e o Rato	n.9 out 1944; n.4 jun 1945; n.12 jun 1946; n. 23 abr 1948; n.34 jul 1949; n.50 nov 1951.	7
A União faz a Força	n.1 ago 1943; n.33 jun 1949;	2
A Verdade	n.2 set 1943; n.2 mar 1944; n.4 maio 1944;	3
O Burro Carregado de Sal	n.38 nov 1949;	1
Quanto Vale um Ofício	n.2 set 1943; n. 30 mar 1949;	2
O Carneiro	n.29 nov 1948;	1

O Pastorzinho Mentiroso	n.2 mar 1944; n.12 jun 1946; n.24 maio 1948; n.30 mar 1949;	4
Nunca se deve mentir	n.2 mar 1944;	1
O Rachador de Lenha e o Nadador	n. 3 out, 1943;	1
O Preguiçoso	n.3 out, 1943; n.34 jul 1949;	2
O Pãozinho	n.5 jun 1944; n.8 out 1945; n.17 jul 1947;	3
O Ladrão de Porco	n.7 ago 1944; n.8 out 1945; n.45 jun 1951;	3
A Ordem e a Economia	n.3 maio 1945;	1
Honradez	n.3 maio 1945; n.26 ago 1948;	2
O Sapateiro e o Rei	n.5 jul 1945; n.28 out 1948;	2
O Inspetor	n.9, out, 1944;	1
A Rã e o Rato	n.6 ago 1945;	1
O Cão Fiel	n.7 ago 1945;	1
A Menina Bondosa	n.9 nov 1945; n.32 maio 1949; n.40 ago 1950; n. 44 maio 1951;	3
O Imposto	n.36 abr 1950; n.43 mar 1951;	2
O Cavalo Roubado	n.7 ago 1945; n.44 abr 1951;	2
O Guloso	n.37 maio 1950;	1
A Mentira	n.19 jul 1947; n.41 ago 1950	2
TOTAL GERAL		48

Fonte: elaborado pela autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A Borboleta. Indaial, n.41, out de 1950 [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais/Grupos Escolares.

A Borboleta. Indaial, n.6, ago de 1945, capa. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais/Grupos Escolares.

A Borboleta, Indaial, n.17, jul de 1947, capa. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/Grupos Escolares.

A Borboleta, Indaial, n.23, abr de 1948, [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/Grupos Escolares.

BOUTIN. Aldimara Catarina Brito Delabona; SILVA. Karen Rupel. As Reformas Educacionais na Era Vargas e a distinção entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. In: XII Congresso Nacional de Educação, Curitiba, PUCPR, p.4486-4496, 2015.

BÜCHNER, HESSY. A Borboleta, n.1, ago de 1943. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/Grupos Escolares.

GEISLER, Eulândia. Ordem e Economia. A Borboleta, n.3 de maio, 1945 [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/ Grupos Escolares.

GINZBURG. Carlos. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. [SI] São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.144.

GUTZ. Alvim. A visita do Sr. Inspetor. A Borboleta. Indaial, n.28, jul. 1949, [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais/Grupos Escolares.

GUTZ. Alvim. O Sapateiro e o Rei. A Borboleta, n.28, out de 1948. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/Grupos Escolares.

História nacional e a construção do “espírito brasileiro” (Santa Catarina – décadas de 1930 e 1940) SILVA. Cristiani da. Em: SILVA. Cristiani Bereta (org). **Educar para a nação: Cultura política, nacionalização e ensino de história nas décadas de 1930 e 1940**. 1. Ed. Curitiba: Editora CRV, 2014, pág. 19-42.

JINZENJI, Mônica Yumi. A reescrita das fábulas pelos liberais moderados do século XIX brasileiro. In: 31ª Reunião Anual da Anped – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, p.1-17, 2008.

KANNERBERG. Herta. Quanto Vale um Ofício. A Borboleta, n.2, set de 1943 [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais/Grupos Escolares.

KÜHN. Alvim. O Carneiro. A Borboleta, Indaial, n.29, nov de 1948, [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/Grupo Escolares.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. Era Vargas: a Educação como Instrumento Político. **Id on-line Rev.Mult. Psic.**, maio/2020, vol.14, n.50, p. 835-853. ISSN: 1981-1179.

NASCIMENTO. Virgília. O Preguiçoso. A Borboleta, Indaial, n.3 jul de 1949 [SI]. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Jornais. Escolas/Grupos Escolares.

SILVA, Cristiani Bereta da. Jornal escolar como lugar de entrecruzamentos de práticas, memórias e culturas (Santa Catarina, década de 1940). **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 45, pág. 151-181, jan. 2025.

SILVA, Cristiani Bereta da. “Da prática escolar ao patrimônio histórico educativo: jornais escolares, Estado e memória no Brasil do século XX”. In: SILVA, Cristiani Bereta da. **Memórias de Escolas**. Curitiba. Editora CRV, 2026, pág. 9-28.

SILVA, Cristiani Bereta da; GIASSI, Reginaldo Paulo. Arquivar Memórias, legar histórias: o acervo de jornais escolares no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC). **RIDPHE-R Revista Iberoamericana. Patrimônio Histórico-Educativo**, v11, p-1-29, 2025.

SILVA, Cristiani Bereta da; ROSSATO, Luciana. A Guerra Chega à Escola: narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial nos jornais escolares catarinenses (Década de 1940). **Revista Momento – diálogos em educação**, n.34, p.138-164, set/dez, 2025.